



XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

CONCEPÇÕES ACERCA DE GÊNERO E RAÇA NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

CONCEPTIONS ABOUT GENDER AND RACE IN INFORMATION SCIENCE

Letícia Pereira de Souza. UFRGS.

Rodrigo Silva Caxias de Sousa. UFRGS.

Modalidade: Resumo Expandido

Resumo: Esta pesquisa dedicou-se a compreender como os pesquisadores da área percebem as disparidades de gênero e raça na ciência. O estudo exploratório-descritivo de abordagem quanti-qualitativa discutiu a respeito do racismo estrutural na academia a partir da pesquisa bibliográfica. Através do questionário enviado aos PPG's de Ciência da Informação, analisou-se suas percepções em relação a questões raciais e de gênero. Concluiu-se que os pesquisadores percebem a desigualdade no meio acadêmico tal qual existem na sociedade em que vivemos, especialmente em relação a progressão acadêmica e a ocupação de posições de prestígio na ciência.

Palavras-Chave: Racismo Estrutural. Gênero. Ciência da Informação. Desigualdade.

Abstract: This research was dedicated to understanding how researchers in the area perceive gender and race disparities in science. The exploratory-descriptive study quanti-qualitative approach in order to inlight discussions about structural racism in academia from a bibliographic survey. Later, by applying a questionnaire to all Information Science postgraduates students in Brazil, it was possible analyze their perceptions regarding racial and gender issues. We concluded that researchers perceive inequality in the academic environment, such as it exists in the society we live in especially in relation to academic progression and the occupation of positions of prestige in science.

Keywords: Structural Racism. Genre. Information Science. Inequality.

1 INTRODUÇÃO

Apesar da sua formação essencialmente ligada à informação científica e tecnológica, a Ciência da Informação nas últimas duas décadas, conforme Freire (2020), sobretudo no Brasil, abre espaço para estudos que se relacionam com aspectos sociais e humanos. Essa é a perspectiva que serve de referência para pesquisa aqui apresentada, que traz para o centro da discussão questões relacionadas às mulheres negras na ciência.

O presente estudo possui como foco compreender as percepções dos pesquisadores da Ciência da informação acerca das disparidades na ciência, balizadoras da lógica do capitalismo, tais como as determinações de gênero e questões ligadas à branquitude. O termo



“gênero” empregado neste estudo é utilizado no intuito de desvelar relações de poder vinculadas às estruturas da sexualidade (MITCHELL, 1973). Lembrando que gênero remete a algo socialmente construído, corresponde aos processos individuais, sociais, institucionais, nunca finalizados, fixos e lineares, pelos quais os sujeitos vão se constituindo em meio à cultura e às relações de poder. (MEYER, 2003). Serão abordadas questões sociais que são reproduzidas no meio acadêmico, tal como o racismo estrutural, que apenas afasta negros, pardos e indígenas da academia e desvaloriza o conhecimento produzido por e sobre esses grupos (ARAÚJO; MAESO, 2019; ALMEIDA, 2021).

O racismo é debatido no meio acadêmico a partir de uma visão eurocêntrica, desconsiderando a carga política e histórica e reduzindo o racismo a uma discussão com foco no indivíduo (ARAÚJO; MAESO, 2019, p. 476). Essa concepção relativiza as ações que deveriam ser tomadas no âmbito institucional para promover maior igualdade de oportunidades para ingresso e permanência de pessoas pretas, sobretudo mulheres, no espaço acadêmico, mantendo assim o perfil branco e masculino como dominante no campo científico. Como explica Bourdieu (1976), os dominantes são aqueles que ocupam uma posição tal que a estrutura do campo age em seu favor, são os que ditam as regras do campo e estão comprometidos com a estrutura consolidada do campo.

O estudo aqui apresentado se caracteriza como exploratório-descritivo de abordagem quanti-qualitativa, constituído de três fases:

Primeira fase: realizou-se uma pesquisa bibliográfica a respeito do racismo institucional e estrutural e as disparidades de gênero na Ciência a fim de fundamentar a parte teórica do estudo. A data de efetivação das buscas nas bases de dados Google Scholar, Web of Science, Scopus e Dimensions ocorreu no dia 09 de maio de 2021.

Segunda fase: elaboração do questionário com perguntas abertas e fechadas para dar conta de compreender como os pesquisadores dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação percebem as disparidades de gênero e raça na ciência.

Terceira fase: o instrumento de pesquisa foi disponibilizado na primeira semana de agosto de 2021, através do Formulários Google, enviado para os coordenadores e para as secretarias dos cursos de pós-graduação em CI no Brasil, retornando 93 respostas. Posteriormente, os dados foram organizados em uma planilha .xls como forma de interpretação dos estudos.



Dessa forma, na seção que segue será apresentado o contexto do ensino superior e, principalmente, da pós-graduação no Brasil, com o intuito de compreender questões sociais que refletem no campo científico, como o racismo estrutural e institucional e as determinações de gênero.

2 O ENSINO SUPERIOR, A PÓS-GRADUAÇÃO NO BRASIL E AS DISPARIDADES DE GÊNERO E RAÇA.

Embora as mulheres sejam maioria no ensino superior e na pós-graduação, o acesso à educação ocorre de forma desigual entre elas (IBGE, 2021). Ainda que existam estudos que desvelam os preconceitos e dificuldades das mulheres no âmbito acadêmico (BAYER; ASTIN 1975; OROZCO, 1998), pouco é falado especificamente sobre as mulheres negras. Em 2019 mulheres pretas ou pardas entre 18 e 24 anos apresentavam uma taxa ajustada de frequência líquida ao ensino superior de 22,3%, quase 50% menor do que a registrada entre brancas (40,9%) e quase 30% menor do que a taxa verificada entre homens brancos (30,5%) (IBGE, 2021).

A Secretaria de Comunicação Institucional da UNILAB (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira), publicou uma matéria em 2014 a respeito dos temas raciais nas universidades brasileiras, salientando que a presença do estudante negro tem aumentado nos últimos anos, ainda que esteja proporcionalmente distante da quantidade de estudantes brancos. Conforme indicado na matéria, o número de pessoas brancas matriculadas no ensino superior presencial e à distância é 11,8 vezes maior do que de pessoas negras, são 3,9 milhões de estudantes brancos contra 330,1 mil de estudantes negros e 1,8 milhões de estudantes pardos (CENSO 2010, IBGE).

Embora as ações afirmativas, sobretudo as cotas raciais que surgiram nas últimas décadas, tenham possibilitado que mais pessoas negras tivessem acesso à universidade, questões envolvendo racismo e discriminação seguem existindo. Quando se fala em pós-graduação os dados abertos da Capes relativos aos discentes da pós-graduação no Brasil mostram que apenas 1 em cada 4 matriculados nos programas de mestrado e doutorado no Brasil, é negro (Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 2020).

Sobre a desigualdade na pós-graduação, Artes (2018) dimensiona em seu trabalho as desigualdades por sexo e raça, pontuando que é em relação ao acesso e à finalização nos programas de pós-graduação onde mais existem disparidades, principalmente em relação às



peças negras. Chama a atenção que as docentes mulheres tendem a ocupar cargos em faculdades de menor prestígio, enquanto os docentes do sexo masculino ganham mais e avançam mais rapidamente para posições acadêmicas mais elevadas, isso é visível ao vermos que em cargos de maior autoridade como reitores, chefes de departamento e outras posições que estão vinculadas a tomadas de decisão no campo científico, são majoritariamente ocupadas por homens brancos.

Silvio Almeida aborda em sua obra “Racismo Estrutural” três concepções de racismo: o racismo individualista, institucional e estrutural. Na concepção individualista, o racismo é concebido como uma patologia ou anormalidade e “seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual” (ALMEIDA, 2021). Logo, o racismo institucional “não se resume a comportamentos individuais, e sim como resultado do funcionamento das instituições, que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça”, cabe ressaltar aqui que o racismo institucional é apenas o reflexo do racismo estrutural que permeia a sociedade, este está presente no cerne das estruturas sociais, portanto “as instituições são racistas porque a sociedade é racista” (ALMEIDA, 2021) . Ou seja, o racismo está para além de uma questão do indivíduo, ele é aportado pelas instituições, que, por sua vez, carregam conflitos existentes na sociedade.

Dessa forma, enquanto o racismo individualista está ligado a atos individuais das pessoas e é de fácil identificação, o institucional se dá de maneira sutil e muitas vezes difícil de perceber, o que não significa que seja menos nocivo. A partir dessas informações, veremos abaixo como se articulou os dados coletados a partir do instrumento de pesquisa com a discussão proposta.

2.1 Análise dos dados

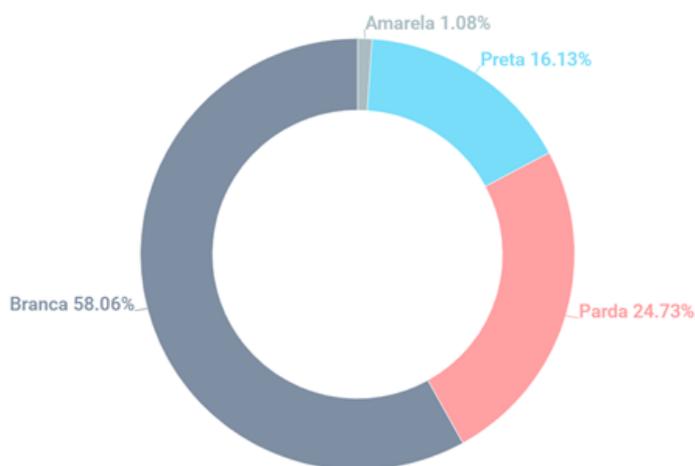
Nesta seção serão apresentados os resultados do instrumento de pesquisa enviado aos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação. Inicialmente será apresentado o perfil dos pesquisadores referente ao vínculo institucional, gênero, autodeclaração racial e nível de formação. Em seguida serão abordadas as questões relativas às percepções dos pesquisadores em relação às disparidades de gênero e raça.



Em relação ao vínculo institucional a amostra se deu em sua maioria por discentes, correspondendo a 66 (71%) contra 28 (30,1%) de docentes. Ressaltando que nessa questão era possível marcar mais de uma alternativa.

No que se refere ao gênero, 66 (71%) se identificaram como mulheres e 27 (29%) como homens, ressalta-se aqui que a questão também trazia a opção “não-binária” e “prefiro não responder” não tendo nenhum registro nessas opções. A respeito da autodeclaração racial, a amostra se dividiu da seguinte forma:

Gráfico 1 - Autodeclaração racial.



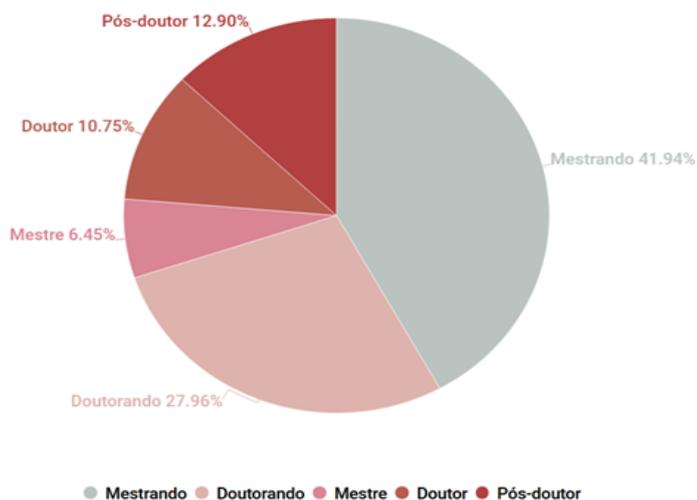
Fonte: Elaborado pela autora.

O Gráfico 1 evidencia a predominância de pessoas brancas no âmbito da pós-graduação na C.I, as quais somam 54 (58%) respondentes, contra 15 (16,13%) pessoas autodeclaradas pretas, 23 (24,73%) pessoas autodeclaradas pardas e 1 (1%) pessoa autodeclarada amarela.

No tocante ao nível de formação dos pesquisadores que participaram do estudo, percebemos um público diverso, sendo a maioria composto por mestrandos, como mostra o Gráfico 2.



Gráfico 2 - Nível de formação dos pesquisadores.



Fonte: Elaborado pela autora.

Corroborado pelos dados acerca do vínculo institucional dos respondentes, o qual aponta a maioria como discentes, no Gráfico 2 podemos ver que mestrandos e doutorandos possuem as maiores porcentagens, contudo, também houve respostas significativas advindas de docentes doutores e pós-doutores.

Agora, observe a tabela abaixo que intersecciona as informações de gênero, raça e nível de formação:

Tabela 1 - Pesquisadoras e nível de formação acadêmica.

	Mulheres brancas	Mulheres pardas	Mulheres pretas
Pós-doutoras	9	0	0
Doutoras	5	1	0
Doutorandas	11	5	2
Mestres	1	1	2
Mestrandas	16	8	5

Fonte: Elaborada pela autora.

A nível de pós-doutorado nos programas de C.I encontram-se majoritariamente as mulheres brancas, sendo que as mulheres pretas e pardas concentram-se em sua maioria como discentes de mestrado. Tais dados corroboram teorias supracitadas de que quanto maior a ascensão acadêmica, maior também é a desigualdade, sobretudo em relação à raça.



Na questão número 11 os participantes responderam se consideravam que existem ou não disparidades de gênero e raça no meio acadêmico. As respostas foram separadas nas categorias elencadas na Tabela 2:

Tabela 2 - Disparidade de gênero e raça.

Você considera que existem disparidades de gênero e raça no meio acadêmico?	Quantidade de respostas	Quantidade de respostas (%)
Considero que existe	85	91,40%
Não considero que existe	6	6,45%
Não sei/Não quero opinar	2	2,15%
Total	93	100%

Fonte: Elaborada pela autora.

Observa-se que 85 participantes (91,4%) consideram que as disparidades existem no meio acadêmico, uma vez que elas também existem na sociedade como um todo. Segundo os respondentes, as disparidades de raça começam pelo acesso de pessoas pretas, pardas e indígenas à universidade, pois observam que entre colegas docentes e discentes há a predominância de pessoas brancas, principalmente na pós-graduação. As respostas mais representativas dessa questão estão apresentadas abaixo:

Sim, principalmente no que concerne à raça, pois o número de pretos, pardos e indígenas na pós-graduação é pequeno em relação aos brancos. Isso também se manifesta de forma mais clara em determinadas áreas do conhecimento, como engenharias e saúde. (Resposta do participante 78)

Sem dúvidas. O meio acadêmico não está fora da sociedade como um todo. Não vivemos numa bolha, refletimos o que é a sociedade atual. A disparidade de gênero vem mudando, e para observar isso, podemos verificar quantas cadeiras são ocupadas por mulheres/homens na universidade. Porém, quanto à raça, ainda há um longo caminho pela frente. As raízes desses problemas são profundas e fortes. (Resposta do participante 39)

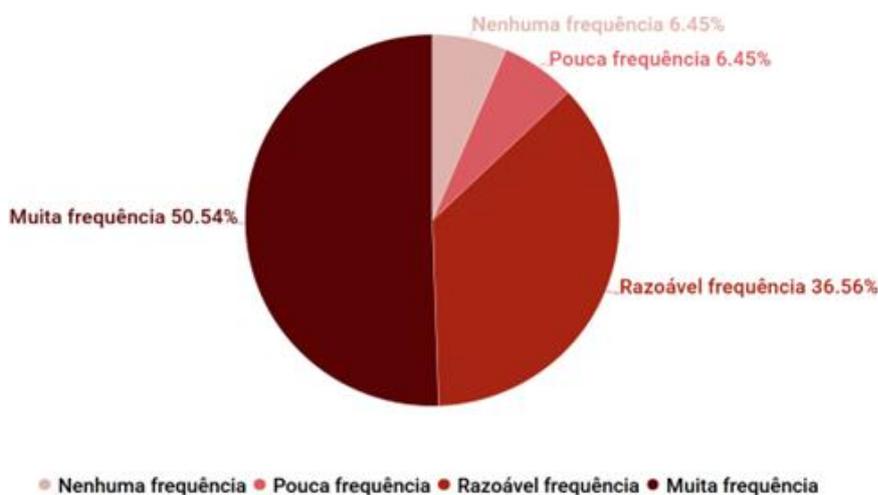
De fato, devemos levar em consideração que questões enraizadas na sociedade refletem no meio acadêmico, conforme indica Bourdieu (2004), a ciência não é neutra, o campo científico é reflexo da sociedade em que ele se insere, e a ideia de uma ciência neutra é "uma ficção interessada que habilita seus autores a apresentar uma representação do mundo social, neutro e eufêmico (...)" (BOURDIEU, 2004). Cabe ressaltar que as seis pessoas



que responderam não considerar que existam disparidades de gênero e raça no meio acadêmico são brancas, sendo elas 3 mulheres e 3 homens.

Posteriormente foi perguntado com que frequência os participantes percebem que as disparidades acontecem. As porcentagens das respostas estão representadas pelo Gráfico 3.

Gráfico 3 - Com que frequência as disparidades acontecem no meio acadêmico.



Fonte: Elaborado pela autora.

Observa-se que a maioria das pessoas (47) (50,54%) considera que as disparidades de gênero e raça acontecem com muita frequência no meio acadêmico. Dessas, 26 (55,32%) se autodeclararam brancas, 9 (19,15%) se autodeclararam pretas, 11 (23,40%) se autodeclararam pardas e uma se autodeclara amarela. É importante chamar atenção a partir desses resultados que 15 pessoas se autodeclararam pretas no estudo e 9 delas apontam que percebem as disparidades de gênero e raça acontecerem com muita frequência, representando mais da metade dos pesquisadores pretos da amostra, sendo que a outra parte se concentrou na opção “com razoável frequência”.

A menor parte dos pesquisadores acredita que as disparidades de gênero e raça acontecem com pouca (6) (6,45%) ou nenhuma frequência (6) (6,45%). Observa-se que as pessoas autodeclaradas pretas e pardas se concentraram nas duas primeiras alternativas “muita frequência” e “razoável frequência” demonstrando que são as pessoas acometidas por essas disparidades que mais as percebem. Para sintetizar, a partir da Tabela 2 vemos o total de pessoas brancas, pretas, pardas e amarelas, e quais as opções marcadas por elas nessa



questão:

Tabela 3 - Com que frequência as disparidades acontecem no meio acadêmico.

Raça	Participantes (total)	Número de participantes que marcou a opção "com muita frequência"	Número de participantes que marcou a opção "com razoável frequência"	Número de participantes que marcou a opção "com pouca frequência"	Número de participantes que marcou a opção "com nenhuma frequência"
Branca	54	26	21	3	4
Preta	15	9	4	1	1
Parda	23	11	9	2	1
Amarela	1	1	0	0	0
Total	93	47	34	6	6

Fonte: Elaborada pela autora.

Os resultados corroboram com estudos citados anteriormente sobre a participação de pessoas pretas e pardas na Universidade, principalmente em relação à pós-graduação, pois estes demonstram que há uma discrepância de raça muito grande em relação aos ocupantes do meio acadêmico, seja como alunos ou em posições de poder como professores, reitores etc. (IBGE, 2021; UNILAB 2014; Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, 2020)

Não obstante, não surpreende que os pesquisadores que disseram não considerar que existam disparidades de raça no meio acadêmico sejam brancos, pois essa forma de racismo é tênue, conforme indica Almeida (2021) em parágrafos supracitados, e, portanto, é percebido primordialmente por aqueles que o sofrem, as quais relataram encontrar mais dificuldades no acesso à universidade, e principalmente na progressão acadêmica, tanto por questões socioeconômicas quanto pelo racismo estrutural e institucional.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação apresentada teve como objetivo elencar o perfil dos pesquisadores da C.I e suas percepções acerca das disparidades em relação ao gênero e a raça na ciência por docentes e discentes dos programas de pós-graduação em Ciência da Informação no Brasil.

Os resultados aqui apresentados mostram que os pesquisadores da Ciência da Informação de maneira geral percebem que as disparidades existem e se manifestam de diversas formas no meio acadêmico, como por exemplo o número expressivo de pessoas brancas ocupando os programas de pós-graduação e as posições de maior poder e prestígio



na ciência, bem como a dificuldade de acesso, permanência e ascensão de pretos, pardos e indígenas na academia, dentre outros. Romper com uma estrutura consolidada de poder no meio acadêmico não é uma tarefa fácil, contudo, a conscientização dos pesquisadores sobre essa realidade é fundamental para uma futura mudança que traga mais igualdade de oportunidades e abra espaço para expandir os debates acerca do racismo institucional e o machismo no espaço acadêmico.

O estudo mostra a importância da intersecção de estudos da informação com estudos da sociedade, porque toda informação gerada parte de indivíduos que fazem parte da estrutura social e institucional, onde existem relações de poder e tensionamentos que afetam a produção científica. Tais desigualdades atrasam o desenvolvimento científico uma vez que a diversidade de atores enriquece as pesquisas e as perspectivas no campo científico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

ARAÚJO, Marta; MAESO, Silvia R. **O poder do racismo na academia**: produção de conhecimento e disputas políticas. In: O pluriverso dos Direitos Humanos: a diversidade das lutas pela dignidade. Lisboa: Edições 70, 2019.

ARTES, Amélia. **Dimensionando as desigualdades por sexo e cor/raça na pós-graduação brasileira**. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 34. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/tkrr6kbbwzbs946mc96xGWp/?lang=pt>. Acesso em: 30 maio 2022

BOURDIEU, Pierre. **Le champ scientifique**. Actes de la recherche en sciences sociales. Paris: Ed. du Seuil, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BAYER, Alan E.; ASTIN, Helen S. **Sex differentials in the academic reward system**. Science, v.188, p. 796-802. 1975.

Censo Brasileiro de 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras. Só 1 em cada 4 matriculados em programas de mestrado e de doutorado no Brasil é negro. **CRUB**, 2020.

CUNHA, L. A. Ensino superior e hierarquização social. Educação Brasileira, CRUB, ano V. n. 11, p. 41-46, 2º semestre, 1983

FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. **O campo da informação**. Pesq. Bras. em Ci. da Inf. e Bib., João Pessoa, v. 15, n. 4, p.001 -007, 2020.



IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. **Estudos e Pesquisas - Informação Demográfica e Socioeconômica**, n. 38, p. 12, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101784_informativo.pdf. Acesso em: 10 maio 2021

MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 9-27.

MITCHELL, Juliet. Woman's Estate. New York: Vintage Books, 1973